

# A hora dos especuladores

**É Con-Brasil**  
A atividade especulativa vive de pretextos. Não se trata aqui de simplesmente condenar a especulação — que implica também risco — mas de advertir os investidores que não dispõem nem de fôlego nem de conhecimentos de que lhes convém apegar-se estreitamente à prudência nesta fase totalmente anômala da vida financeira do País.

Os mercados de risco fazem parte da vida de um regime capitalista. É evidente que sem a possibilidade de lograr grandes lucros (e também, eventualmente, sofrer sérias perdas), o mercado de ações, coadjuvado por todas as invenções que lhe foram implantadas nos últimos anos para movimentá-lo, não apresentaria os atrativos de hoje e não estaria contribuindo para canalizar recursos a serviço da produção. São os especuladores que permitem a existência de grande número de investidores — pequenos ou médios — que não alimentam a mesma ambição de assegurar-se um dinheiro fácil. Existe, porém, uma especulação, que poderíamos chamar de racional, convivendo com outra que apenas procura vítimas desavisadas. Quando a especulação não dispõe de apoio ra-

cional, cumpre que o investidor redobre de cautela.

Impõe-se saber que nos mercados de risco — seja o de ações, seja o cambial paralelo — os especuladores estão sempre à cata de um acontecimento que lhes ofereça possibilidades de vultosos ganhos. Para que se possa participar dessa verdadeira loteria, é melhor deixar que os especuladores se negociem mutuamente, ainda que, geralmente, estejam sempre no encalço dos ingênuos dispostos a deixar-se seduzir. Mas, afinal, o que pode ser um risco racional? Na Bolsa, pode-se pensar na perspectiva, por exemplo, da descoberta de um poço de petróleo ou na conclusão de um grande contrato de exportação, tudo, todavia, sem a garantia de certezas. Já no caso do câmbio, pode-se incluir na categoria de risco racional a possibilidade de uma desvalorização, um déficit na balança comercial dos Estados Unidos ou algo parecido.

Hoje, assiste o Brasil a uma especulação que podemos considerar irracional no que tange à disputa presidencial a travar-se no segundo turno. Trata-se de mero pretexto de que se servem os especuladores para movimentar os

mercados visando a embolsar, à custa de inocentes, grandes lucros. A luta, nestes dias, para a conquista do segundo lugar, já está alimentando as operações. Verifica-se na Bolsa queda que poderá ser uma constante até o fim da presente apuração e até o pleito definitivo de 17 de dezembro, uma vez que antes disso será difícil prever, com certeza, a quem caberá a vitória final. Pode-se imaginar que, uma vez definidos os vencedores do primeiro turno, a especulação se apoiará no jogo das alianças, na performance dos candidatos na televisão, no anúncio eventual de nomes de ministeráveis etc...

No caso do câmbio, todos esses fatores servirão para alimentar a especulação, logo secundada por outros. Qual será, por exemplo, a reação do mercado financeiro em relação aos títulos do governo? Qual a evolução da expansão monetária? E a quanto montará a taxa de juro oferecida pelo Banco Central? Elementos racionais e irracionais deverão assim misturar-se, funcionando a plena carga a central dos boatos.

Cumpre esclarecer que, hoje, o ágio do *black* em relação à taxa oficial de câmbio é em parte arti-

ficial, sabendo-se que o governo, para manter a inflação sob relativo controle, está adiando uma desvalorização que todos reconhecem, a prazo médio, necessária.

Em todos os mercados pode-se assistir a grandes flutuações, nem sempre na mesma direção. Pelo que se impõe, cabe aos pequenos investidores atuar com prudência nesses cenários, por quanto, seguramente, sairão perdendo. Os únicos que poderão salvar-se serão os grandes investidores, por disporem de grandes recursos e de não menor agilidade (o que exige presença contínua no mercado). O que se deve levar em conta é que o País não poderá permanecer por muito tempo na incerteza, e que, qualquer que seja o vencedor, não poderá escapar da necessidade de adotar medidas profundas e céleres, logo após a posse, visando a afastar a ameaça de hiperinflação.

É este, portanto, o momento dos especuladores, o que exige, dos que não entram nesse jogo, cabeça fria e especialmente a percepção de que o mercado tem de passar por uma fase de irracionalidade, o que o privará de suas verdadeiras características.